



PAISAGEM
ANCESTRAL
RECINTOS
CERIMONIAIS
TERRAS DO GUADIANA

PERDIGÕES ▾



18

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2025

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ISSN: 2183-0924

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

18

MARÇO

2025

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2025**

Volume: **18**

Capa: Circuito de recintos de fossos Paisagens Ancestrais

Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

geral@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07
-----------------	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro MONTE DA LAJE E SÃO BRÁS 3. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS EM SERPA (BEJA)	09
--	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro CRONOLOGIA, ESPACIALIDADE E COMPLEXIDADE ARQUITECTÓNICA DOS RECINTOS DE FOSSOS NEOLÍTICOS ALENTEJANOS: UMA REVISÃO A PRETEXTO DO RECINTO DE TRIGO	23
---	----

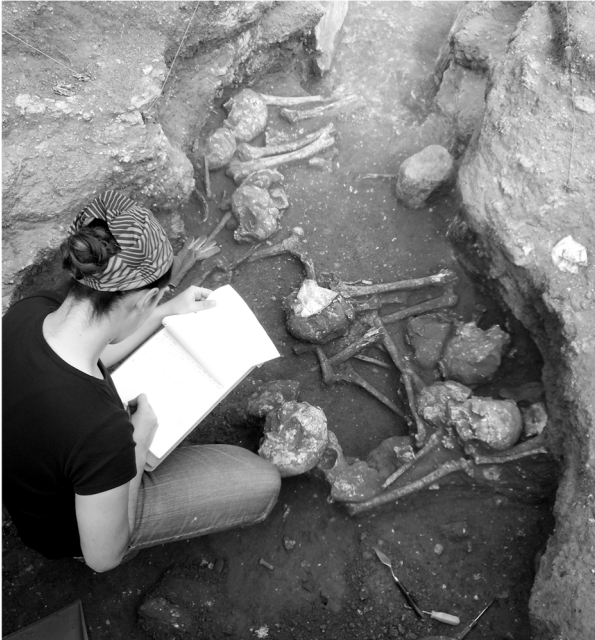
Camila Lacueva, Cláudia Maio, Sofia Nogueira, Lucy Evangelista, Tiago Nunes NOTÍCIA DA DESCOBERTA DA NECRÓPOLE DA VILLA ROMANA DE NOSSA SENHORA DE TOUREGA ...	43
---	----

Ana Rita, Carlos Jorge, Paula Pereira, José Carvalho, Cláudia Maio, Lucy Evangelista ENTRE USOS E ABANDONOS: REVISÃO DOS CONTEXTOS DA RUA DE SANTA MARIA E TRAVESSA DOS APÓSTOLOS, SETÚBAL	53
--	----

Sérgio Amorim, José Carvalho, Carlos Jorge A DISPOSIÇÃO DA MURALHA FERNANDINA ENTRE O LARGO DOS LÓIOS E A RUA DA MADEIRA. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA ENTRE 2021 E 2023	61
---	----

Francisco Raimundo, José Carvalho, Rui Pinheiro THE REBELLO HOTEL (VILA NOVA DE GAIA) – CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA A HISTÓRIA DE UM SÍTIO	69
--	----

José Carvalho O HORREUM DO CASTELO DE GAIA. NOVOS APONTAMENTOS SOBRE O ABASTECIMENTO MILITAR ROMANO NO CÂMBIO DA ERA	81
---	----



EDITORIAL

A Antropologia Biológica desempenha um papel fundamental na compreensão das populações do passado, permitindo-nos reconstruir aspetos essenciais da sua vida, saúde, mobilidade e interações sociais. No contexto da arqueologia, a análise dos vestígios humanos revela dinâmicas bioculturais que enriquecem a narrativa histórica e contribuem para uma visão mais completa das sociedades antigas. A interseção entre os métodos tradicionais e as novas abordagens científicas – da paleopatologia à genética antiga – tem ampliado significativamente o nosso conhecimento, tornando esta disciplina indispensável para o estudo do património arqueológico.

Na ERA Arqueologia, a Antropologia Biológica assume um papel central na investigação e valorização dos contextos funerários, destacando-se na análise dos testemunhos ósseos que emergem das intervenções arqueológicas. O compromisso com metodologias rigorosas e interdisciplinares permite-nos abordar questões sobre identidade, práticas rituais e impacto ambiental nas comunidades do passado. A colaboração com outras áreas, como a arqueotanatologia e a bioarqueologia molecular, reforça a capacidade de responder a questões cada vez mais complexas e de aproximar a ciência dos contextos patrimoniais.

Neste âmbito, a Antropologia Biológica continua a ser uma ferramenta essencial para interpretar os vestígios humanos e integrá-los nas narrativas arqueológicas mais amplas. A integração de novas tecnologias, a importância da salvaguarda do património osteológico e a necessidade de um olhar ético e contextualizado sobre os vestígios humanos são algumas das questões centrais que merecem ser debatidas.

Assim, a constante evolução desta disciplina exige um diálogo contínuo entre investigadores, promovendo abordagens cada vez mais integradas e multidisciplinares. Ao articular conhecimento científico com a valorização patrimonial, a Antropologia Biológica não só enriquece a compreensão das populações do passado, como também contribui para uma reflexão mais ampla sobre a nossa própria história e identidade.

Lucy Shaw Evangelista

CRONOLOGIA, ESPACIALIDADE E COMPLEXIDADE ARQUITECTÓNICA DOS RECINTOS DE FOSSOS NEOLÍTICOS ALENTEJANOS: UMA REVISÃO A PRETEXTO DO RECINTO DE TRIGO.

António Carlos Valera¹
Tiago do Pereiro²

Resumo:

A partir do magnetograma obtido para o recinto de fossos de Trigo (Portel, Évora), é analisada a complexidade arquitectónica deste recinto, estabelecida a sua cronologia relativa com base em materiais de superfície e é feita a sua contextualização no conjunto de recintos de fossos neolíticos (3400-2900 a.C.) do interior alentejano. É feita uma revisão dos dados cronológicos absolutos e da distribuição espacial destes recintos e desenvolve-se uma análise comparada das suas arquitecturas, dimensões e complexidade, procurando evidenciar alguns aspectos estruturantes destes sítios construções já durante o Neolítico.

Abstract:

Chronology, spatiality and architectonic complexity of Neolithic ditched enclosures in Alentejo: a review under the pretext of the Trigo enclosure.

From the magnetogram obtained for the Trigo ditched enclosure (Portel, Évora), the architectural complexity of this enclosure is analysed, its relative chronology is established based on surface materials and its contextualization is made within the set of Neolithic ditch enclosures (3400-2900 BC) in the Alentejo interior. A review of the absolute chronological data and spatial distribution of these enclosures is carried out and a comparative analysis of their architecture, dimensions and complexity is developed, highlighting some structural aspects of these sites already during the Neolithic.

1. Introdução.

Contemplando grande parte do interior alentejano e as Terras de Barros da Extremadura espanhola, a bacia média do Guadiana apresenta a maior concentração peninsular de recintos de fossos da Pré-História Recente (Valera, 2013a; Hurtado *et al.*, 2024). É também na parte portuguesa deste território que se encontram os mais antigos recintos datados em termos absolutos no Sudoeste peninsular, permitindo abordar, nesta região, questões relacionadas com a emergência deste tipo de contextos, com as suas espacializações e com as suas formas arquitectónicas iniciais e que antecedem o “boom” que se regista no 3º milénio a.C..

Contando já com alguns trabalhos com maior dimensão de síntese (Rodrigues, 2015; Valera *et al.*, 2017; Valera, 2018) e com vários outros sobre intervenções em sítios específicos (Soares, 1994; 1996; Lago, Albergaria, 2001; Valera, Filipe, 2004; Mataloto, Costeira, 2008; Rodrigues, 2008; Valera *et al.*, 2013; Valera *et al.*, 2014a; 2014b; Peace, 2015; Mataloto *et*

al., 2018), esta fase neolítica de construção de recintos de fossos no interior do Alentejo parece inaugurar grande parte das características que se observam nos subseqüentes desenvolvimentos durante o Calcolítico, seja na distribuição espacial e tipo de implantação dos recintos, nas actividades e práticas que lhes estão associadas ou nos níveis de complexidade arquitectónica e de investimento social que foram atingidos. Estes últimos aspectos estão particularmente sublinhados no recente trabalho de levantamento geofísico realizado no recinto de Trigo, o qual, por si só, justifica voltar a centrar a atenção neste período inicial de construção e utilização de recintos de fossos na região, reanalizando alguns dos seus parâmetros.

¹ Era Arqueologia / ICArEHB (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

² Era Arqueologia / UNIARQ (tiagodopereiro@era-arqueologia.pt)

2. Os recintos de fossos neolíticos do interior alentejano (Sul de Portugal)

Das cerca de 9 dezenas de recintos de fossos referenciados no interior alentejano, 18 fornecem informação que permite a sua atribuição ao Neolítico, sendo que quatro apresentam prolongamentos durante o Calcolítico, chegando alguns à transição para a Idade do Bronze (final do 3º milénio a.C.). Estes últimos correspondem a grandes recintos, com vários hectares, grande complexidade arquitectónica e contextual e longas diacronias: Perdigueiros, Porto Torrão, Monte da Contenda e São Brás 3 (Valera, 2018; Valera, Filipe, 2004; Santos *et al.*, 2014; Valera *et al.*, 2014a, 2022; Soares *et al.*, 2022). Os restantes são Cortes 1, Horta do Pinheiro 6, Horta Nova 4, Quinta do Estácio 6, Juromenha 1, S. Jorge de Ficalho, Moreiros 2, Fareleira 3, Águas Frias, Paraíso, Malhada das Mimosas, Torrão, Ponte da Azambuja e Trigo. Ou seja, ao inventário publicado em 2017 (Valera *et al.*, 2017), onde já constava o recinto de Trigo (designado por Charneca), apenas se acrescentou S. Brás 3 (pelas suas evidências de superfície). É, pois, com este conjunto de recintos que, de momento, continuamos a contar para poder traçar a temporalidade e a espacialidade dos recintos de fossos durante o Neolítico neste território do sul de Portugal.

2.1. Cronologia

Para a referência cronológica desta fase Neolítica de construção de recintos no interior do Alentejo temos actualmente 40 datações de radiocarbono, mas distribuídas de forma desigual por sete sítios: três terços (29 datas) provêm dos Perdigueiros e o restante terço de Juromenha (4 datas), Moreiros e Monte da Contenda (2 datas cada), S. Jorge de Ficalho, Horta do Pinheiro 5 e Porto Torrão com uma data cada (Anexo 1). Significa isto que, relativamente às datações de recintos neolíticos listadas anteriormente (Valera *et al.*, 2017), se acrescentaram 10 novas datas, mas todas referentes a contextos dos Perdigueiros.

A sua modelação como uma fase (Figura 1) estabelece como limite inicial o intervalo 3446-3366 a.C. e como limite terminal o intervalo 2926-2851 a.C., ou seja, um período genericamente de 500 anos entre 3400 e 2900 a.C., em boa parte coincidente com o espectro cronológico dos hipogeus neolíticos no Alentejo (única série de datações comparável na região), ainda que o início da construção destes esteja referenciado ligeiramente mais cedo (3500-3400 a.C. – Valera, 2020).

2.3. Espacialidade

Relativamente à sua distribuição espacial, 14 dos 18 recintos referenciados situam-se ao longo da bacia do médio Guadiana, estabelecendo uma continuidade com as concentrações de recintos de fossos das Terras de Barros da Extremadura espanhola. Em território português, distribuem-se entre a zona de Campo Maior / Elvas e a zona de Beja / Serpa (Figura 2). Existem, contudo, quatro recintos que se encontram já fora da bacia do Guadiana. Um, Moreiros 2, está já no limite da bacia do Tejo e os outros três, Porto Torrão, Horta do Pinheiro 5 e Horta Nova 4, estão mais a Ocidente, já na bacia do Sado.

Esta área abrangida pelos recintos de fossos neolíticos mantém-se genericamente a mesma durante o Calcolítico, observando-se sobretudo uma densificação dos recintos ao longo do Guadiana e no bordo oriental da bacia do Sado, assim como alguns novos nos limites sul da bacia do Tejo (Figura 2). A grande maioria está, pois, na área correspondente a geologia antiga, dominada por rochas magmáticas intrusivas e rochas metamórficas, com ligeiras extensões para ocidente e norte, bordejando a geologia sedimentar que caracteriza as bacias do Sado e Tejo. Já a sul a fronteira a partir da qual não existem mais recintos conhecidos parece coincidir com a geologia constituinte da faixa piritosa e com uma rarefação dos contextos neolíticos identificados nesta zona.

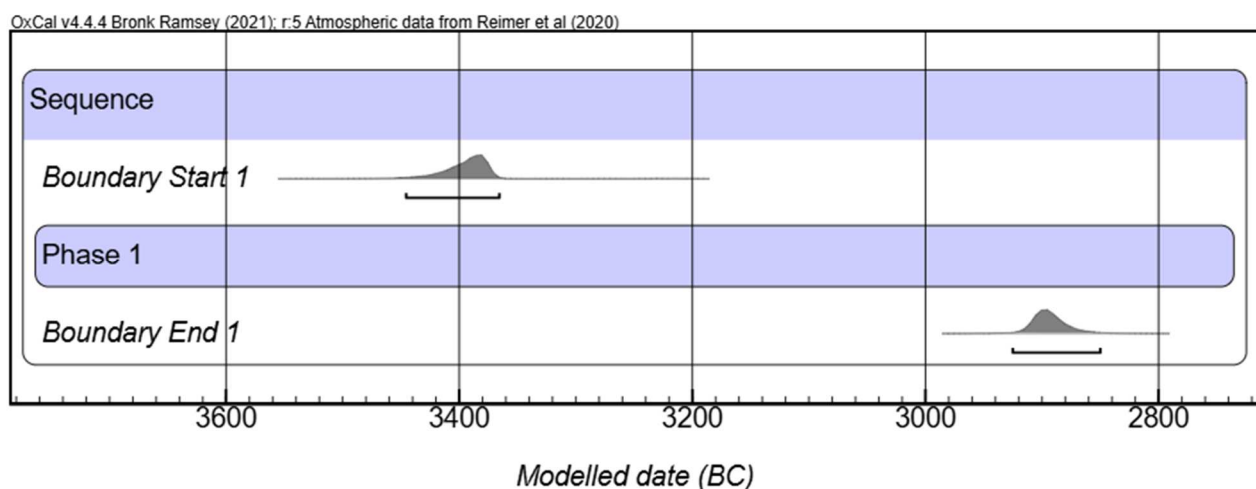


Figura 1 – Datações de radiocarbono para os recintos neolíticos alentejanos modeladas como uma fase.

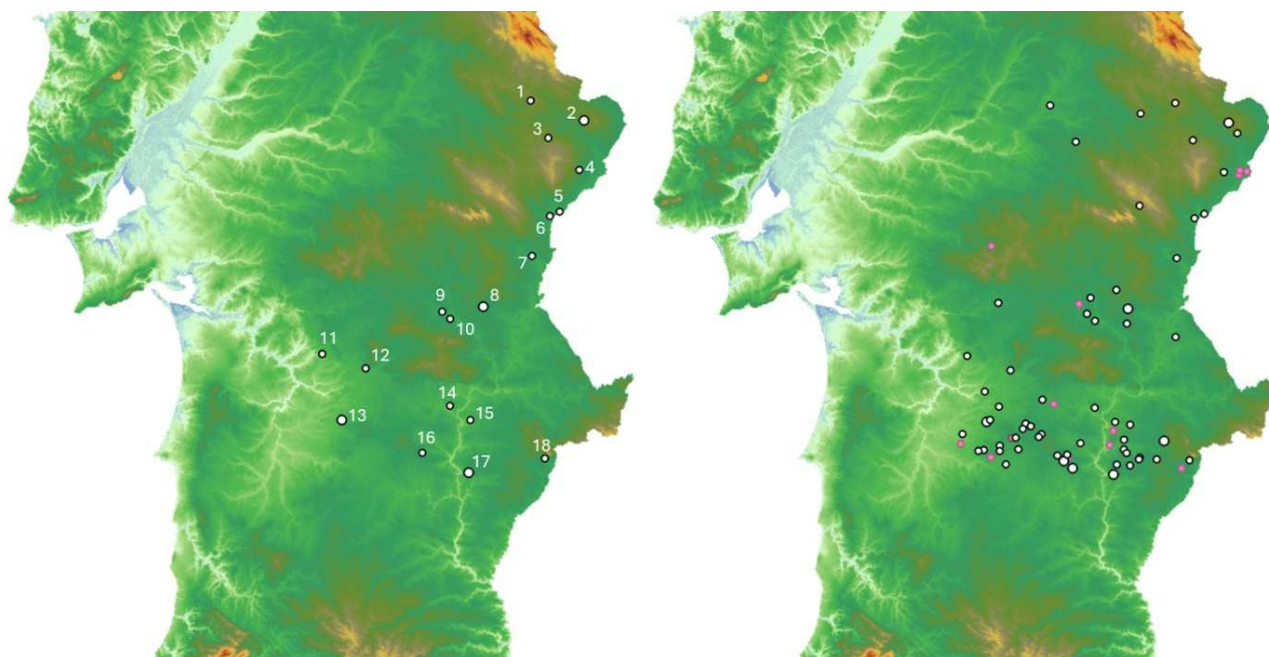


Figura 2 – **Esquerda:** Recintos de fossos neolíticos do interior alentejano. 1-Moreiros 2; 2-Monte da Contenda; 3-Torrão; 4-Paraíso; 5-Juromenha 1; 6-Malhada das Mimosas; 7-Águas Frias; 8-Perdigões; 9-Ponte da Azambuja; 10-Trigo; 11-Horta do Pinheiro 5; 12-Horta Nova 4; 13-Porto Torrão; 14-Fareleira 3; 15-Cortes 1; 16-Estácio 6; 17-São Brás 3; 18-S. Jorge de Ficalho. **Direita:** distribuição de todos os recintos de fossos da Pré-história Recente inventariados no interior alentejano (confirmados a branco e prováveis a rosa).

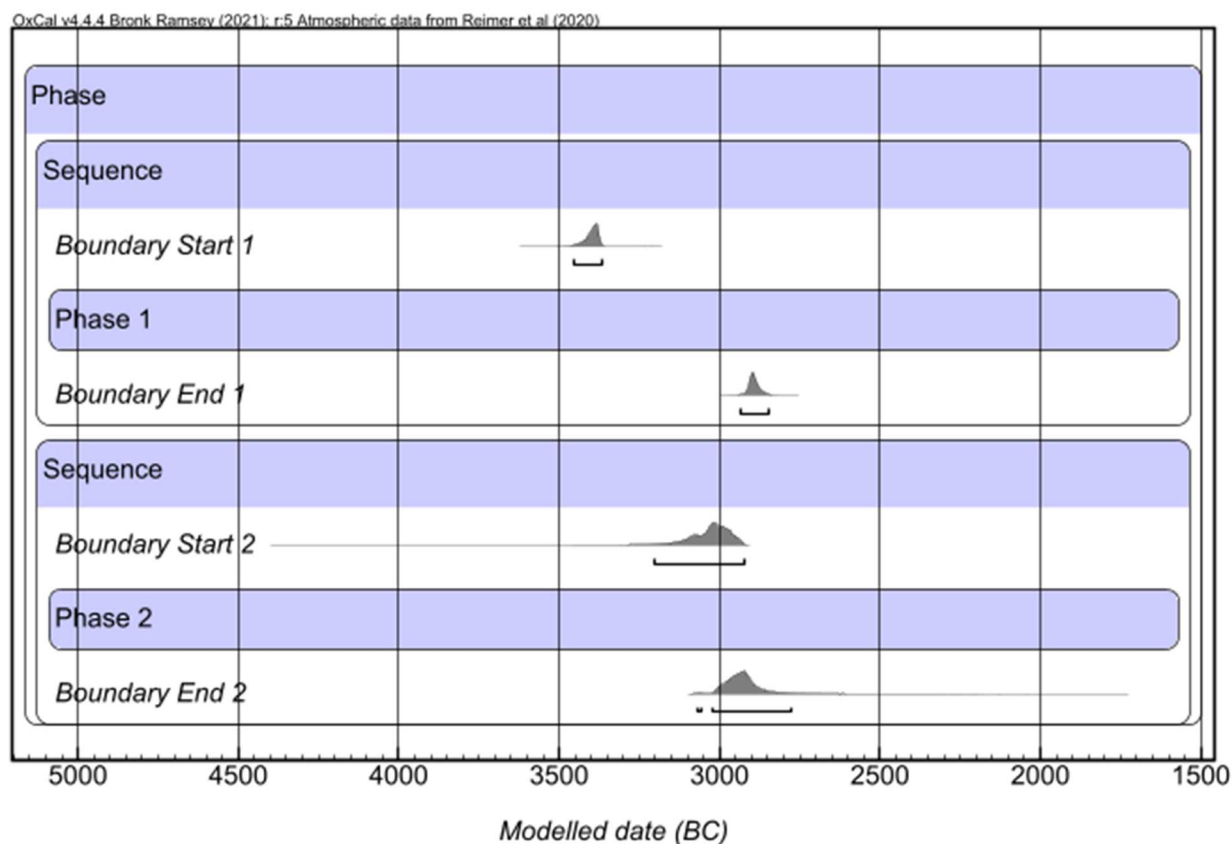


Figura 3 – Datações para recintos neolíticos alentejanos modeladas em duas fases com sobreposição (Amodel=104.8): Fase 1 - recintos da bacia do Guadiana; Fase 2 – recintos nos bordos das bacias do Sado e Tejo.

É também interessante sublinhar uma circunstância sugerida pela informação actual quando cruzamos esta distribuição espacial dos recintos neolíticos e a cronologia absoluta disponível. Quando modelamos como duas fases as datas para os recintos que se situam na bacia do Guadiana e para os recintos que já estão fora, mais para ocidente na bacia do Sado e mais para norte na bacia do Tejo, verifica-se que, enquanto os primeiros abrangem todo o espectro cronológico (3400-2900 a.C.), os segundos estão concentrados no final desse mesmo espectro, entre 3100-2900 a.C. (Figura 3). É certo que o número das datações para os recintos neolíticos que bordejam as bacias do Sado e Tejo é ainda muito reduzido, com apenas quatro datações para três recintos, e bastante desequilibrado em relação aos recintos da bacia do Guadiana. Contudo, estes dados parecem indicar uma anterioridade da emergência dos recintos de fossos no médio Guadiana e uma posterior extensão para Oeste (Sado) e para Noroeste (Tejo), a qual se reforçaria durante o 3º milénio a.C., como documenta a figura 2. Trata-se de um quadro sugestivo, mas que necessita de ser confirmado ou infirmado através de um significativo reforço do número de datações absolutas por sítio, sobretudo fora da bacia do Guadiana.

Neste contexto espacial e cronológico, o recinto de Trigo pouco teria para acrescentar de momento. Reforça a concentração na bacia do Guadiana e a sua baliza cronológica é genérica, baseada apenas na coerência apresentada pelos materiais recolhidos à superfície, não adiantando nada relativamente às questões levantadas pela cronologia absoluta. Contudo, a obtenção da sua planta integral através de geofísica revelou um recinto de grande dimensão e complexidade, permitindo desenvolver uma série de questões relativas à arquitectura destes recintos, demonstrando mais uma vez o potencial problematizante dos magnetogramas que têm vindo a ser obtidos para os recintos de fossos do Alentejo.

3. O recinto de Trigo

O recinto de fossos de Trigo (CNS-33891), inicialmente designado por Charneca (nome do casal agrícola que lhe fica mais perto), foi detectado em 2012 no Google Earth e depois nas imagens aéreas de 1995 (Figura 4). Logo no ano seguinte foi referenciado numa primeira publicação que dedicámos à identificação de recintos através das imagens satélite disponibilizadas online (Valera, Pereiro, 2013, Fig.4: 4) e, mais tarde, noutra que abordava os recintos de fossos portugueses integráveis no Neolítico (Valera *et al.*, 2017), pois os materiais de superfície já então apontavam para essa cronologia.

O sítio localiza-se administrativamente na freguesia de Monte do Trigo, concelho de Portel, distrito de Évora, com as seguintes coordenadas: 38.401060, -7.684759, 193m. Está implantado no topo aplanado de um discreto interflúvio delimitado a Este pela Ribeira da Azambuja e a Oeste por uma linha de água sua tributária perto da sua foz no rio Degebe a nordeste, integrando uma topografia de relevo ondulante e pouco acentuado. Ainda assim, a visibilidade sobre a paisagem é restrita por um relevo envolvente de cotas ligeiramente mais altas, abrindo-se sobre o Degebe.



Figura 4 – Em cima: recinto de Trigo em fotografia aérea de 1995; em baixo: recinto de Trigo em imagem satélite de 2003.

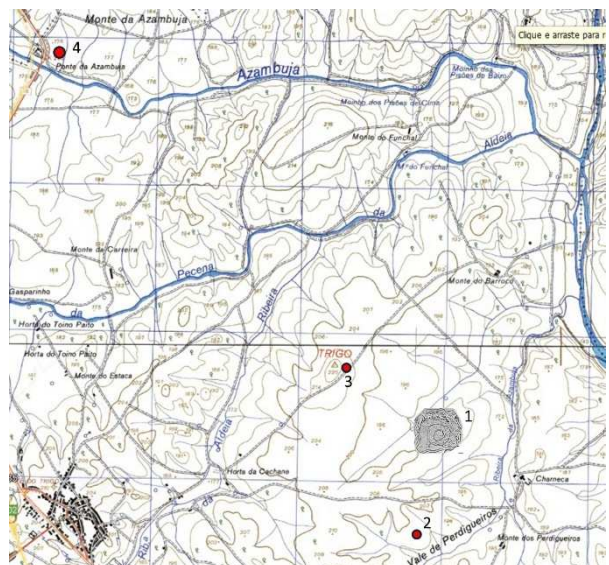


Figura 5 – Localização do recinto de Trigo (1), de uma anta (2), de uma possível estela (3) e do recinto da Ponte da Azambuja (4) na C.M.P., 1:25000, Fls. 472/481.

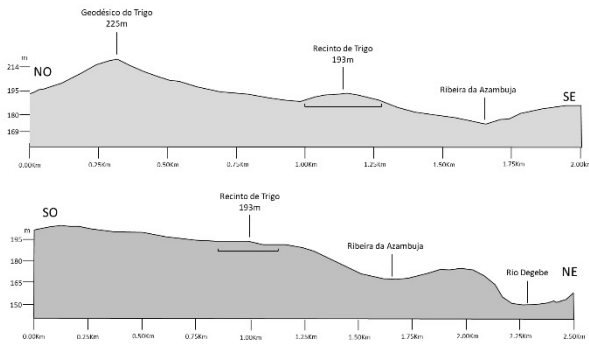


Figura 6 – Perfis topográficos da implantação do recinto de Trigo.

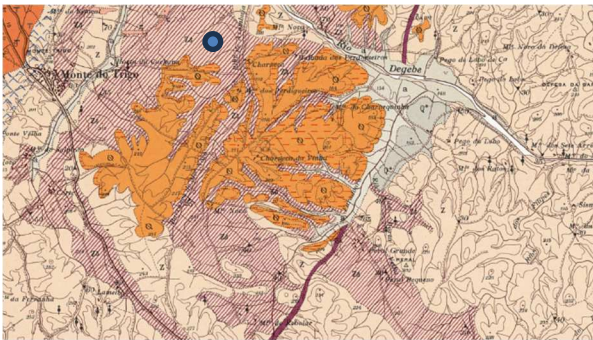


Figura 7 – Localização do recinto de Trigo na C.G.P. 1:50000, fl. 40D.

Do ponto de vista geológico, o sítio está implantado sobre a extremidade Noroeste de uma faixa de rochas verdes xistosas que se prolonga desde a Serra de Portel, mas que imediatamente a Sudeste do sítio é sobreposta por um complexo detrítico, sendo toda esta área envolvida por micaxistos (Figura 7). Esta localização sobre um substrato de rochas verdes poderá ser um dado particularmente importante na interpretação do sítio, já que estamos perante matéria-prima utilizada na produção de utensilagem de pedra polida e à superfície aparecem inúmeras pré-formas, algumas das quais com sinais de afeiçãoamento.

Em 2023, e no âmbito do projecto Paisagens Ancestrais, Terras do Guadiana, Recintos Cerimoniais desenvolvido pelo consórcio ERA Arqueologia, Esporão S.A. e Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz e financiado pelo programa PROMOVE da Fundação La Caixa / BPI / FCT, foi realizada a prospecção geofísica integral do recinto (Valera, 2023a). Nesse mesmo ano, a parte central do magnetograma obtido foi pela primeira vez publicada numa edição especial da National Geographic, mas apenas com carácter ilustrativo de uma pequena nota sintética sobre os recintos de fossos alentejanos (Valera, Pereiro, 2023b). É esse magnetograma que, agora na versão integral (Figura 8), analisamos, interpretamos e contextualizamos no âmbito da expressão dos recintos de fossos neolíticos do Sul de Portugal.

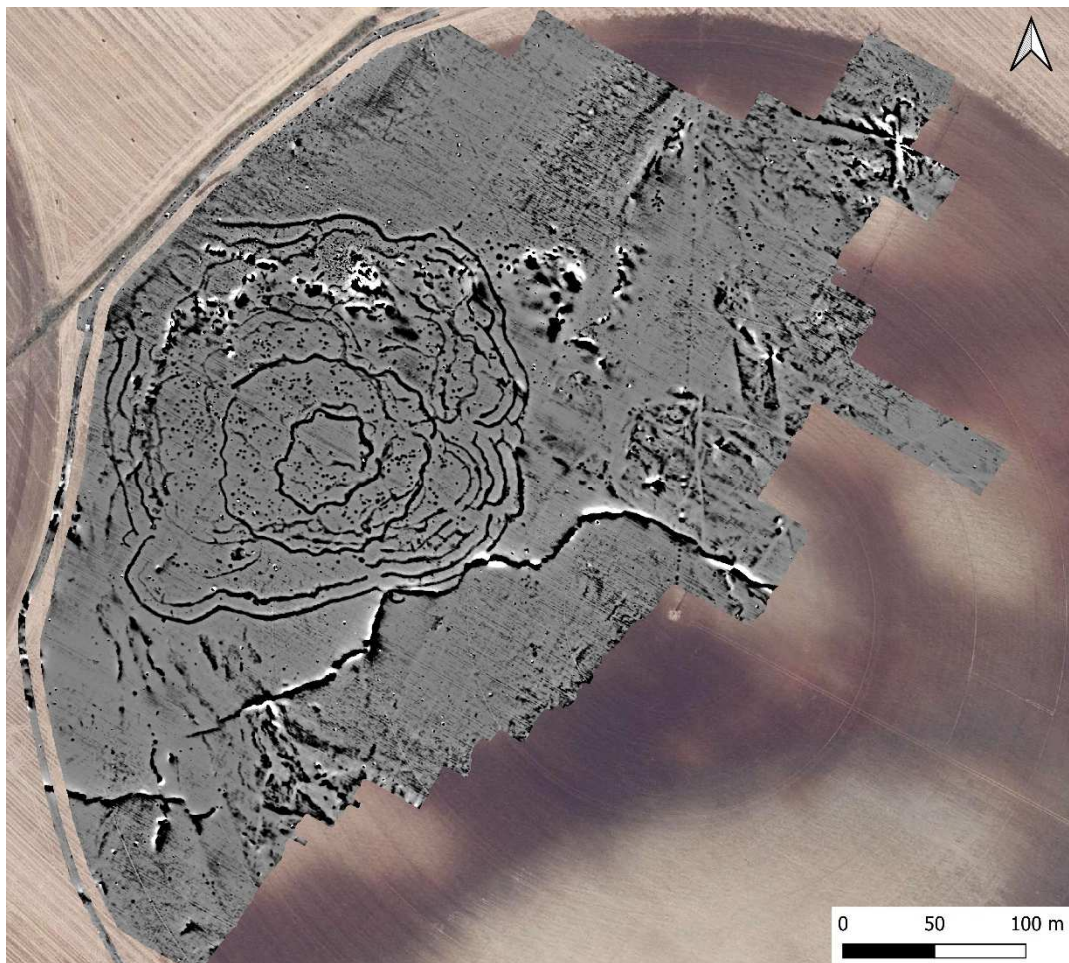


Figura 8 – Magnetograma integral do recinto de Trigo e adjacências.

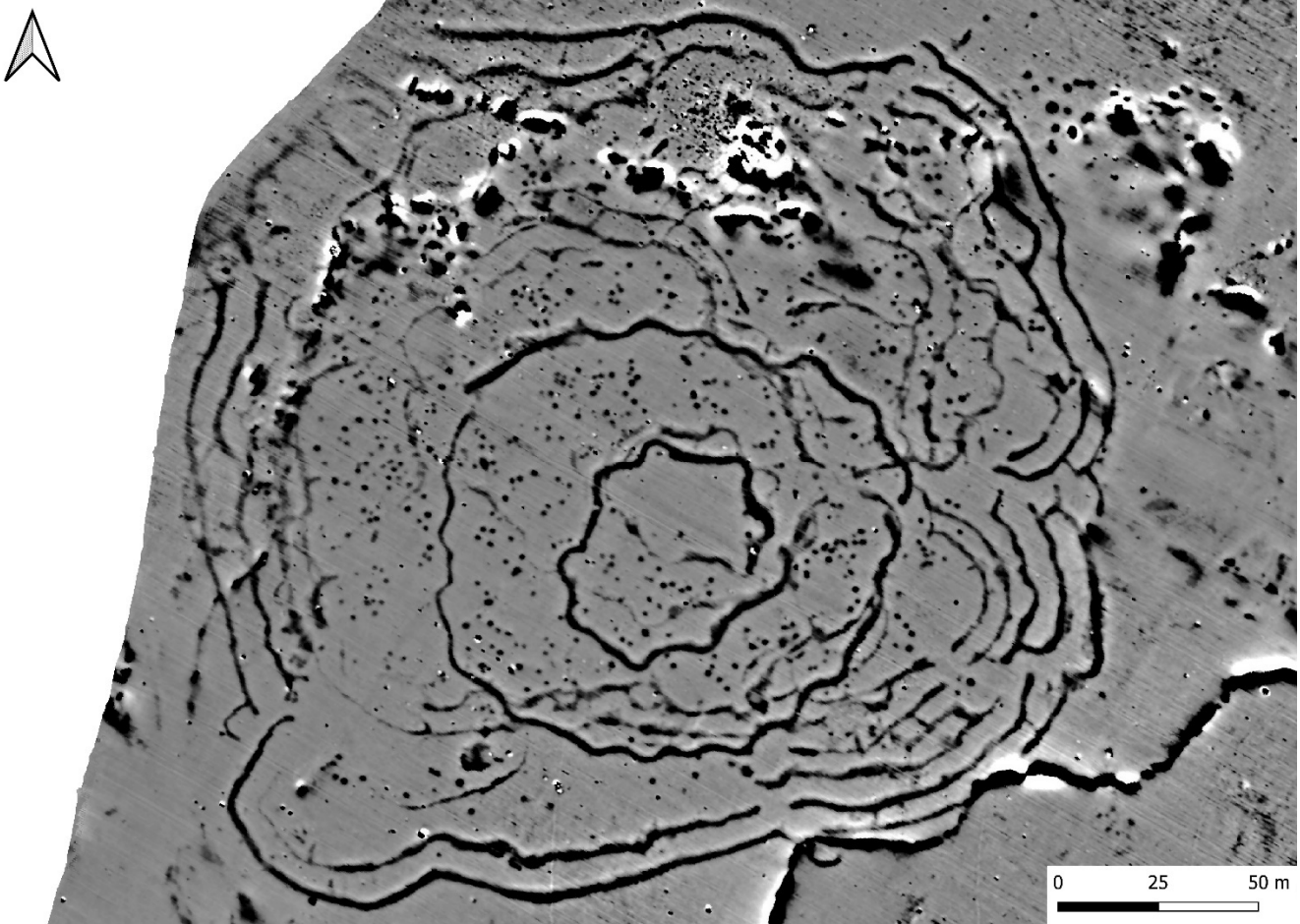


Figura 9 – Magnetograma aproximado ao recinto de Trigo.

Nesta prospecção foi utilizado o equipamento ENSYS MULTICHANNEL CARRIER TYPE F, com 5 sensores de 1m de comprimento, separados por 0,5m. Cada um contém dois sensores verticais (axis fluxgate magnetometers) no topo e na base, fazendo com que os detectores localizados no topo rejeitem a larga escala do magnetismo atmosférico, e isolem pequenas leituras causadas pelas anomalias arqueológicas, podendo detectar anomalias de 0.1nT (nanotesla), sendo que o campo magnético terrestre normalmente apresenta leituras de 40,000nT (o.4 gauss), variando durante o dia. Uma vez que o equipamento tem GPS acoplado, a implantação de uma quadrícula foi dispensada, tendo a prospecção sido realizada por linhas percorridas de forma sucessiva, numa área total de cerca de 10ha. Os dados recolhidos foram depois processados em software específico para as realidades arqueológicas MAGNETO e Geoplot Beta 4.0.

A imagem obtida mostra um recinto de dimensões já bastante consideráveis e de grande complexidade arquitectónica. A área máxima abrangida pelo fosso mais exterior é de 42644m² (4,3ha), apresentando cerca de 260m de comprimento de diâmetro máximo (no sentido SO-NE), correspondendo a um dos maiores recintos do Neolítico do interior alentejano e, em face da informação actualmente disponível, só suplantado pelos Perdigoes e eventualmente Monte da Contenda.

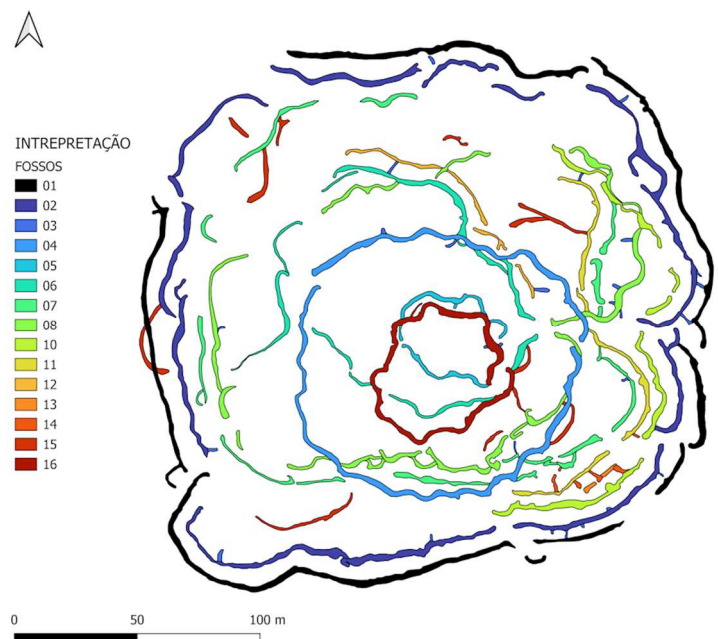


Figura 10 – Interpretação do magnetograma: os fossos.

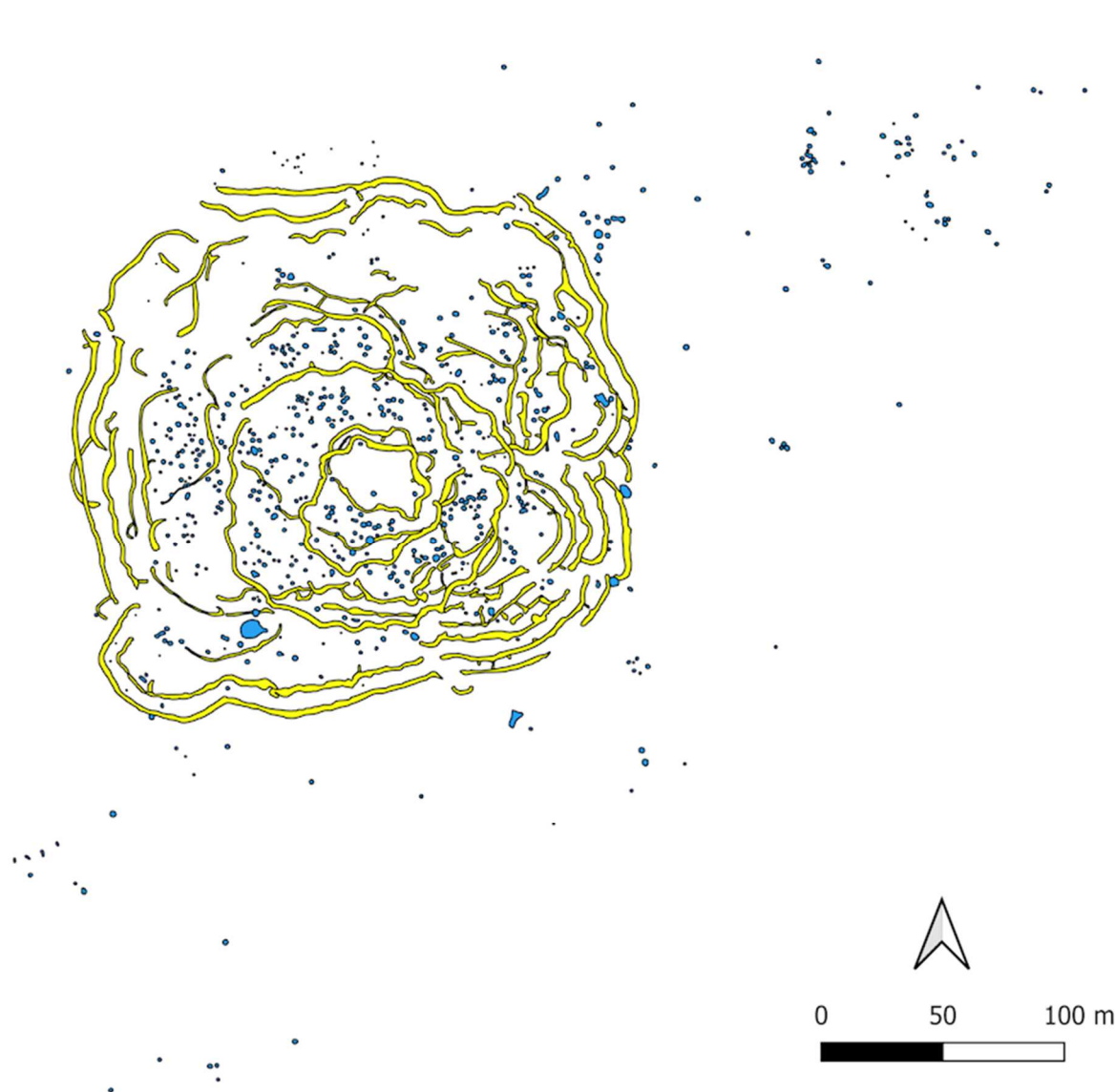


Figura 11 – Interpretação do magnetograma: as fossas.

Tabela 1 – Larguras, perímetros e áreas para os principais fossos do recinto de Trigo tiradas a partir do magnetograma.

Fossos	Largura	Perímetro	Área m2	Área ha
Fosso 1	1.8	794	1105	0.1105
Fosso 2	1.5	741	2082	0.2082
Fosso 3	1.5	381	9855	0.9855
Fosso 16	2	184	35956	3.5956
Fosso 4	0.9	133	42644	4.2644

No interior são identificáveis inúmeros fossos, tendo sido discriminados 16 conjuntos de troços (Figura 10), definindo vários recintos organizados de forma concêntrica. Observam-se várias sobreposições e cruzamentos de fossos, revelando diferentes momentos construtivos, onde se nota, por vezes, o aproveitamento de pré-existências.

Já no que respeita a estruturas negativas de tipo fossa foram identificadas em toda a área prospectada 616 (Figura 11). Destas, 135 foram assinaladas fora dos recintos, 37 a Sul e 98 a Norte/Nordeste. Já pelo interior registaram-se 481. Estas apresentam uma maior concentração nos recintos mais interiores, sendo mais dispersas e em menor número junto aos fossos exteriores. Contudo, e contrariando esta tendência, o recinto central (definido pelo fosso numerado como 5), está praticamente limpo de fossas, onde se registam apenas 3.

Esta área mais central é precisamente uma das que merece uma atenção mais especial. De facto, para além de contrastar na raridade de fossas com as áreas envolventes, o recinto definido pelo Fosso 5 revela também uma interessante relação com Fosso 16, o qual o cruza do lado Oeste e se lhe sobrepõe parcialmente do lado Este (Figura 12C).

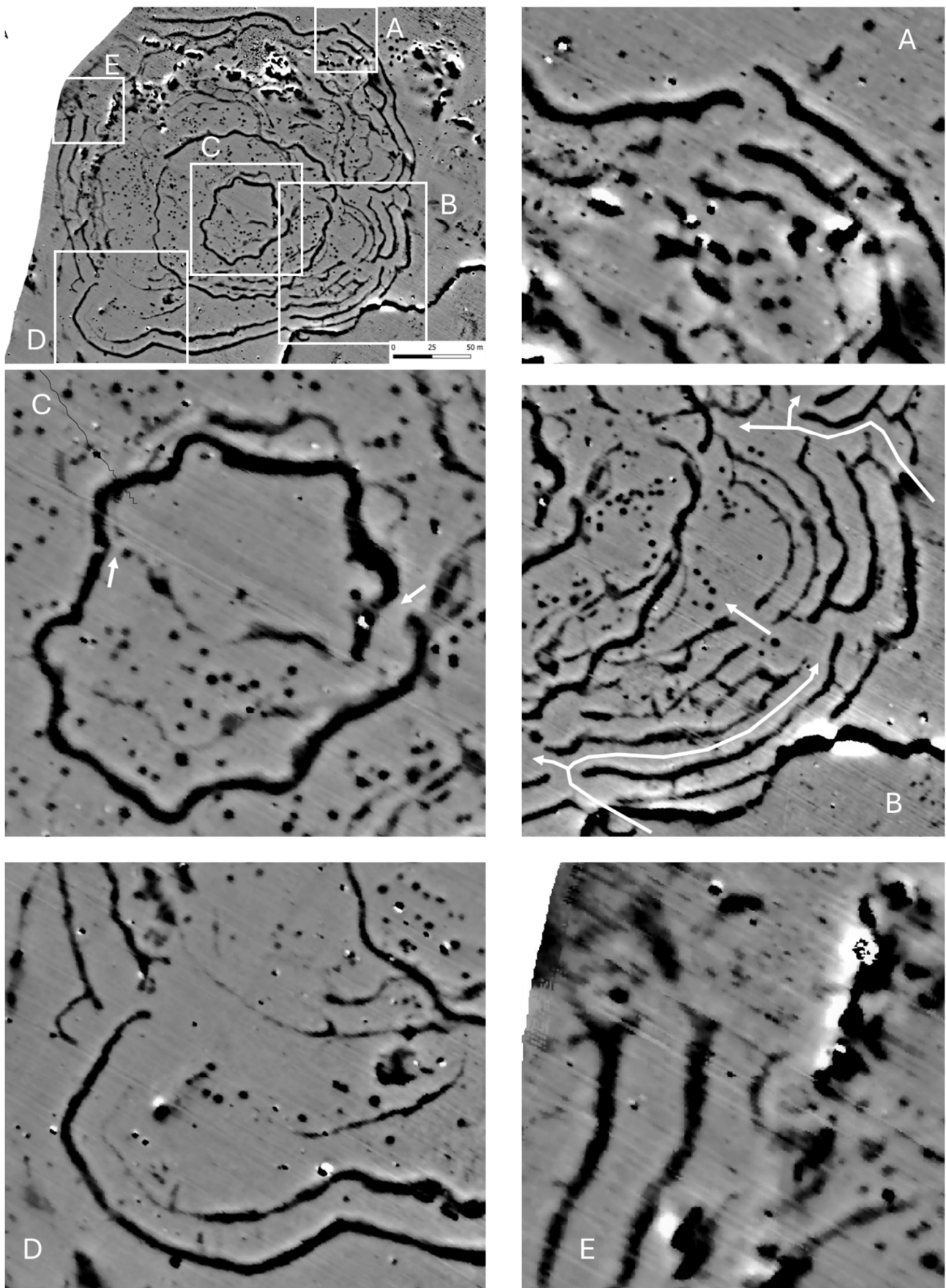


Figura 11 – Detalhes de áreas do magnetograma do recinto de Trigo.

O Fosso 5 apresenta um traçado sinuoso, desenhando sete lóbulos de forma não muito regular, mostrando uma entrada do lado Oeste, a 270° em relação à zona central deste recinto mais interior. Este fosso é cruzado pelo Fosso 16 a norte da entrada, sendo do outro lado por ele sobreposto em parte do seu traçado, numa zona em que o Fosso 16 forma uma entrada em “pinça”. Desta forma, a Norte, o recinto constituído pelo Fosso 16, igualmente lobulado, abarca uma parte substancial do recinto definido pelo Fosso 4, enquanto a Sul se cruza com um outro fosso (Fosso 6). Em aberto fica a questão de o troço sul do Fosso 5 poder continuar em funcionamento entre a entrada e a área de sobreposição do Fosso 16. A ser assim, a conjugação deste troço do Fosso 5 com o traçado do Fosso 16 formaria uma espiral. O facto de a área definida pelo Fosso 5 se ter mantido praticamente sem fossas e de a parte sul da restante área definida pelo Fosso 16 apresentar inúmeras fossas reforça esta possibilidade. Teríamos, assim, uma compartimentação e organização espacial dinâmica nesta área central dos recintos, com recurso a estruturas construídas em diferentes momentos, mas que se articulam nessa organização espacial.

Outra área que de imediato sobressai no magnetograma é do acesso Sudeste, o qual revela uma complexidade sem paralelo nos recintos ibéricos (Figura 11B). Nesta zona existem seis troços de fossos em semicírculo, paralelos e equidistantes, formando corredores entre si. Os semicírculos mais internos são interrompidos a meio, formando um corredor de entrada central, mas com o acesso ao exterior bloqueado pelos dois semicírculos externos. Este corredor está orientado a 120°, ou seja, ao solstício de Inverno (Figura 12).

O acesso do exterior far-se-ia por duas entradas laterais em “pinça” localizadas à direita e à esquerda do fosso exterior. A entrada da esquerda (ligeiramente mascarada pelo sinal de um filão geológico) permite ultrapassar os dois fossos exteriores, virar à direita e percorrer um corredor até chegar ao acesso central, mas possibilita igualmente aceder à zona sul do complexo de recintos. Já a entrada da direita conduz a um corredor lateral aos fossos semicirculares, permitindo o acesso ao centro do recinto (depois bloqueado pelo Fosso 16) ou, virando à direita, às zonas localizadas mais a norte. Não dá acesso, contudo, ao corredor central que tem a orientação solsticial. Isto porque os vários corredores definidos pelos fossos semicirculares se encontram bloqueados por troços de fossos perpendiculares, transformando-os em “becos sem saída”.

Tenha tido este desenho desde o início ou tenha ele resultado de sucessivas adições, a complexidade arquitectónica desta entrada impressiona, criando percursos sinuosos e cheios de possíveis equívocos sem saída, numa espécie de labirinto que contrasta com a maior simplicidade dos outros acessos ao interior deste complexo de recintos.

De facto, o complexo de recintos apresenta outras entradas, nomeadamente a Nordeste (a 27°), a Noroeste (a 302°) e a Sudoeste (a 239°). Todas estas entradas estabelecem alinhamentos com outras entradas de recintos mais interiores, sendo que alguns desses alinhamentos parecem evidenciar orientações significantes (Figura 12).

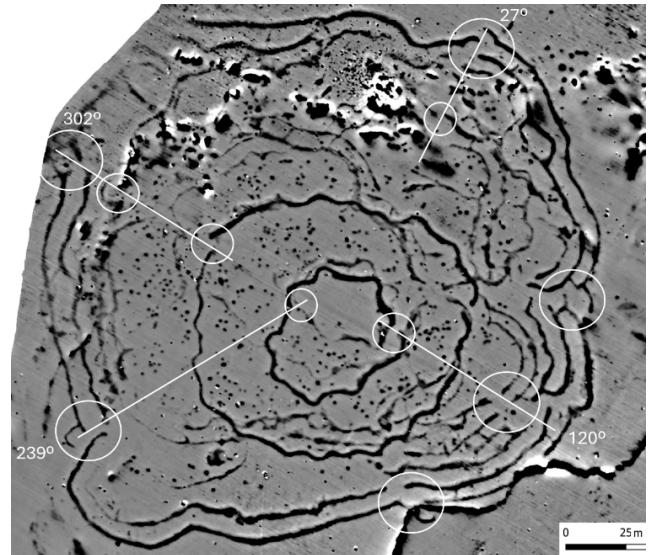


Figura 12 – Acessos exteriores ao complexo de recintos e alguns dos alinhamentos estabelecidos com acessos internos.

A entrada Nordeste, em “pinça”, passa os fossos externos 1 e 2 e encontra-se alinhada com uma interrupção no fosso interno número 10 (Figuras 11A e 12). O acesso, também em “pinça”, localizado a Noroeste nos fossos externos está alinhado com uma entrada do Fosso 7, igualmente em pinça e com uma estrutura circular interna (Figura 11E), e com uma entrada no Fosso 4 (Figura 12). A orientação deste alinhamento de entradas (302°) é coincidente com o solstício de verão ao pôr-do-sol. Finalmente, o acesso Sudoeste corresponde a uma entrada lateral, também em “pinça”, ao grande lóbulos saliente no traçado do fosso externo (Fosso 1) e estabelece um alinhamento com a entrada do recinto mais central (Fosso 5) orientado a 239°, ou seja, pôr-do-sol no solstício de Inverno (Figuras 11D, 12).

Relativamente aos recintos intermédios, apenas o recinto delimitado pelo Fosso 4 se apresenta bem definido na imagem. Trata-se de um fosso sinuoso, com um lobulado suave, com duas entradas (uma a Leste e outra a Oeste), e pelas características que evidencia (largura, definição e equidistância) poderá corresponder a um mesmo momento de construção do Fosso 16, mais interno. Corta, em múltiplos pontos, vários outros fossos de recintos anteriores, cujos traçados completos são mais difíceis de identificar, pois, ou surgem menos marcados no magnetograma, ou são mascarados por perturbações magnéticas de origem geológica. Distinguem-se, ainda assim, troços de fossos duplos paralelos e vários outros cruzamentos, sobreposições, ou pequenos acrescentos laterais, reveladores de grande dinâmica e periodicidade construtiva e de uma organização do espaço interno bastante compartimentada e complexa.

Por último, importa ainda sublinhar a presença de anomalias magnéticas entre o conjunto das fossas definidas que poderão corresponder a possíveis estruturas negativas de tipo hipogeu (Figura 13). Trata-se de anomalias que configuram a presença de uma câmara anexada a um acesso em forma de pequeno corredor ou poço lateral, definindo plantas em tudo semelhantes aos hipogeus neolíticos conhecidos no Alentejo.

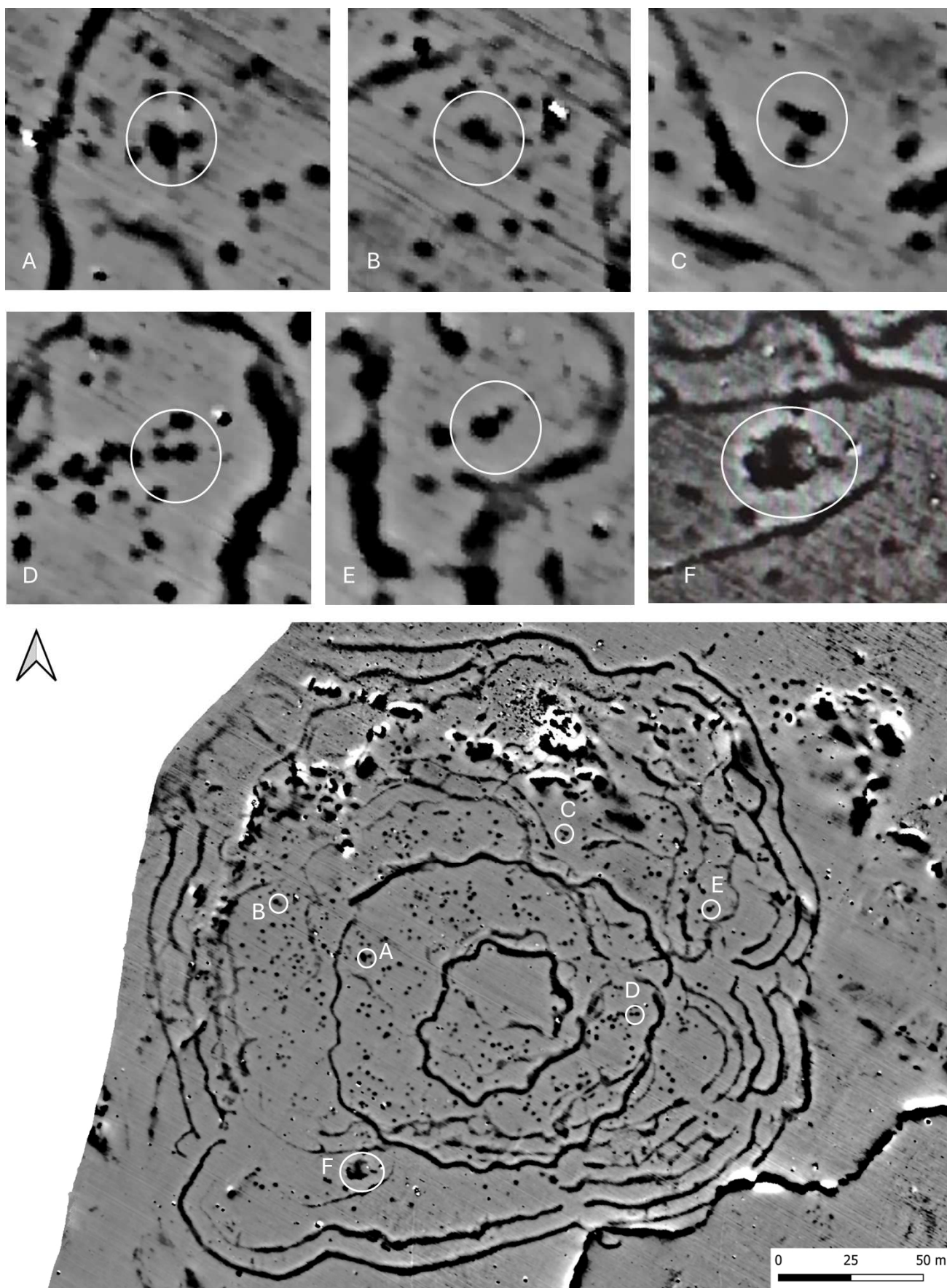


Figura 13 – Anomalias magnéticas que poderão corresponder a estruturas negativas de tipo hipogeu.

Estas estruturas encontram-se distribuídas por vários pontos do interior do complexo de recintos, mas também nos núcleos de fossas exteriores, nomeadamente nos que se situam a Nordeste do recinto.

4. A componente artefactual de superfície.

Durante as prospecções de superfície realizadas para validar a identificação do sítio em imagens aéreas e durante as prospecções geofísicas foi recolhido à superfície um conjunto de materiais arqueológicos, cuja homogeneidade tipológica se enquadra no Neolítico Final do Sul de Portugal (Tabela 2).

Tabela 2 –Materiais de superfície.

Recipientes cerâmicos	Nº	Pega	Decorado
Taças	8		
Taças carenadas	6		1
Fragmentos de carenas	7		
Esféricos / Globulares	12	2	1
Mini vaso	1		
Bordos inclassificáveis	11	2	
Bojo decorado	1		1
Líticos			
Enxós	2		
Machado	1		
Martelo	1		
Movente	1		
Percutores Qz	3		
Núcleo Qz	1		
Lascas Qz	4		
Segmento lâmina Qz	1		
Peça esquirolada QzH	1		
Fauna			
Fragmento de. <i>Pecten maximus</i>	1		
Ossos de fauna	9		

A cerâmica é caracterizada pelo domínio das taças carenadas e fragmentos de carenas, em associação a recipientes esféricos / globulares, por vezes com pegas mamilares junto ao bordo, e taças simples. Note-se a total ausência de pratos. A decoração é rara, estando presente em três peças, duas com incisões e uma terceira com decoração plástica à base de alinhamento de pequenos mamilos.

A indústria lítica está representada por alguns fragmentos de utensílios de pedra polida, percutores e alguma utensilagem e restos de talhe em quartzo.

Recolheu-se também alguma fauna e um fragmento de valva convexa de *Pecten maximus*.

Finalmente, destaque para a presença de várias pré-formas em rochas verdes anfibolíticas (Figura 15: 7), relacionáveis com a geologia local.

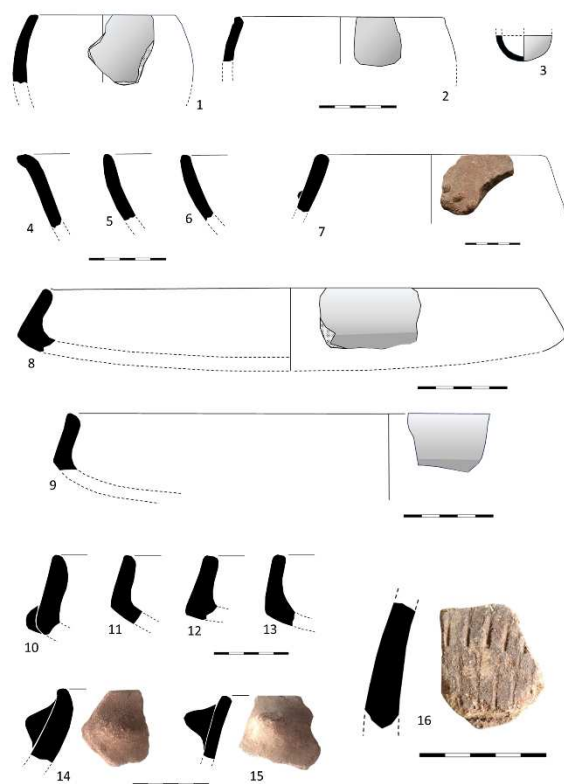


Figura 14 – Fragmentos cerâmicos.



Figura 15 – Indústria lítica.

5. Na periferia do recinto de Trigo

Como cartografado na Figura 5, na periferia do recinto de Trigo existe uma anta e uma possível estela-menir

A anta (Figura 16) situa-se 600m a sul do recinto, com o qual não tem contacto visual directo, pois situa-se para lá da linha de festo que estabelece o horizonte visual de Trigo nessa direcção. Trata-se de um monumento que teria dimensões médias, apresentando ainda três esteios aparentemente *in situ*, um fragmento de outro deslocado e restos de mamoa junto aos esteios.

A estela-menir localiza-se 680m a Oeste do recinto. Trata-se de uma peça em granito, aparentemente afeioada (Figura 17), e que se encontra enterrada na vertente Sudeste de uma elevação onde se situa o marco geodésico de Trigo. Esta elevação caracteriza-se em termos geológicos por afloramentos de pórfiros filoneanos e cobertura detritica das vertentes, pelo que a pedra granítica é inequivocamente exógena a este contexto geológico, estando os granitos mais próximos localizados a mais de 2 km para Noroeste, a norte da povoação de Monte do Trigo.

Esta possível estela-menir encontra-se na vertente da elevação virada ao recinto do Monte do Trigo, a qual constitui um marco destacado no horizonte. Para ela está orientado o alinhamento de entradas a 302° (Figura 12). Tal significa que, para quem está no centro do recinto, o sol põe-se a meio dessa elevação no solstício de Verão. Estas circunstâncias sugerem a existência de uma relação significativa entre o recinto e este marco natural da paisagem (Figura 18).



Figura 16 – Anta 600m a sul do recinto de Trigo.



Figura 17 – Possível estela-menir a 680m do recinto de Trigo.



Figura 18 – Elevação destacada no horizonte Noroeste do recinto de Trigo (identificado a branco). Vista tirada a partir de sul.

Mais distante, mas ainda assim a apenas 3,5km para Noroeste, está o recinto de fossos da Ponte da Azambuja (Rodrigues, 2008; 2015). Trata-se de um recinto de planta e dimensões desconhecidas, mas que tem pelo menos dois fossos e uma componente artefactual que claramente o coloca no Neolítico Final. Ou seja, numa situação de contemporaneidade e eventual simultaneidade com o recinto de Trigo. Uma circunstância que, dada a proximidade espacial, levanta interessantes interrogações relativamente à relação entre estes dois recintos, seja ela sequencial no tempo ou coeva.

Dado o relevo intermédio, não há visibilidade directa entre os dois recintos, mas do topo da elevação onde está o marco geodésico de Trigo pode observar-se a área de implantação do recinto da Ponte da Azambuja que se situa já nos granitos, situação que poderá ter conferido a esta elevação uma outra camada de sentido, funcionando como “intermediário visual” entre os dois sítios.

Finalmente, ainda no campo das relações de proximidade, cabe sublinhar que a distância do recinto de Trigo relativamente ao recinto dos Perdigões, com o qual foi seguramente coevo, também não é muito grande, fixando-se em cerca de 12,5km em linha recta.

6. Contextualizando o recinto de Trigo nas arquitecturas dos recintos de fossos neolíticos alentejanos.

A integração do desenho arquitectónico do recinto de Trigo no contexto dos recintos neolíticos alentejanos encontra-se dificultada pelo facto de 8 dos 18 referenciados não terem plantas integrais ou parciais conhecidas. Acresce que, dos restantes 10, os magnetogramas S. Brás 3 e Monte da Contenda não podem ser ainda utilizados nesta análise. Tal fica a dever-se ao facto de os dados disponíveis revelarem dois complexos de recintos de longa diacronia, mas para os quais não é ainda possível discernir quais os conjuntos de fossos que correspondem à fase neolítica e quais os que datam já do Calcolítico. Ficamos, assim, restritos a 8 recintos para os quais temos plantas integrais ou parciais com extrapolações aceitáveis e cuja informação permite atribuir-lhes uma cronologia neolítica: Juromenha 1, Águas Frias, Moreiros 2, Horta Nova 4, Cortes 1, Perdigões, Torrão e Trigo.

A análise das plantas destes recintos (Figura 19) permite organizá-los em três conjuntos segundo as dimensões máximas e complexidade que atingiram:

- a) Recintos de pequenas dimensões, com um ou dois fossos, com áreas inferiores a 0.25ha e plantas simples, com fossos lineares que definem espaços tendencialmente circulares. Estão neste grupo os recintos de Cortes 1, Horta Nova 4 e Torrão (Figura 19: 1 a 3).
- b) Recintos de médias dimensões, com comprimentos máximos em torno aos 250m e áreas de 2 a 4ha. Têm múltiplos fossos, frequentemente sinuosos, por vezes com carácter duplo. Podendo apresentar plantas com alguma irregularidade e pontualmente traçados angulosos, revelam uma tendência para a

circularidade e concentricidade dos recintos. Os acessos são igualmente múltiplos, com tipologias variadas, mas onde predominam as entradas em “pinça”. Compõem este grupo os recintos de Águas Frias, Juromenha 1, Moreiros 2 e Trigo (Figura 19: 5 a 8).

- c) Finalmente, o recinto dos Perdigões constitui um caso à parte dos restantes pelas dimensões que alcançou, que no máximo terão atingido cerca de 15ha. Apresenta igualmente vários fossos, de tendência circular e concêntrica, mas não apresenta fossos marcadamente sinuosos, nomeadamente com lóbulos bem definidos, como acontece com os recintos do segundo grupo.

Os recintos mais simples e pequenos (Grupo 1) podem dever essa simplicidade e tamanho à antiguidade (caso de Cortes 1, que será dos mais antigos - Valera *et al.*, 2017) ou a temporalidades curtas. Já nos restantes, a multiplicidade de fossos e as sobreposições que se observam em várias situações indicam temporalidades mais longas e processos construtivos periódicos, que se traduzem em áreas maiores, arquitecturas mais complexas e investimentos sociais mais significativos.

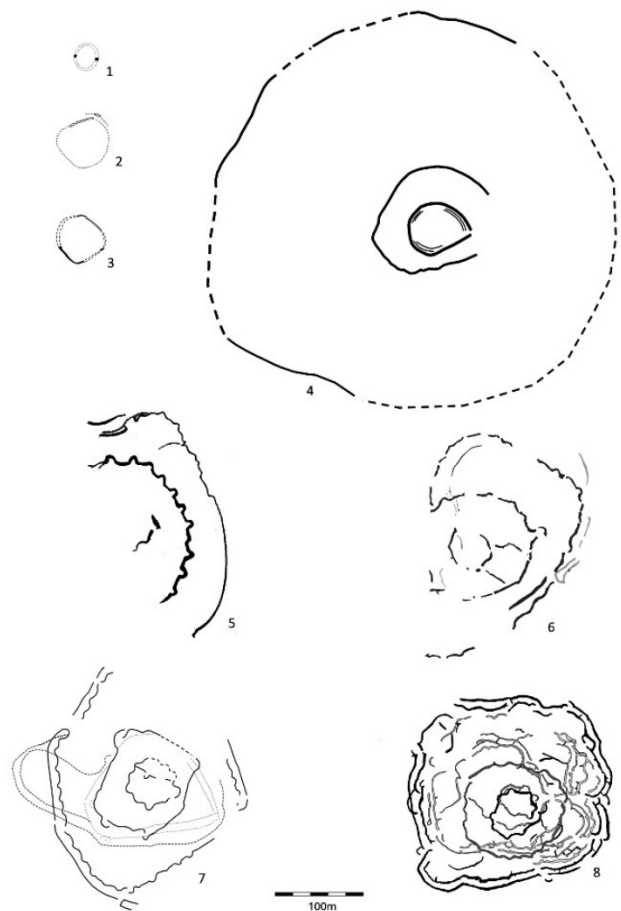


Figura 19 – Plantas para recintos de fossos neolíticos alentejanos: 1 - Cortes 1; 2 – Horta Nova 4; 3 – Torrão; 4 – Perdigões (fase Neolítico Final); 5 – Águas Frias; 6 – Juromenha 1; 7 – Moreiros 2; 8 – Trigo.

Esta diversidade que os recintos alentejanos assumem logo na sua fase neolítica, e que se intensificará durante o 3º milénio a.C., foi precisamente um dos focos da discussão no artigo de 2017 (Valera *et al.*, 2017). Aí foi sublinhada a variabilidade no tamanho dos recintos, no tamanho e números de fossos, no seu desenho e formas de enchimento, na complexidade dos planos, na sua implantação topográfica, no número de estruturas negativas associadas (fossas) e na densidade de materiais.

Esta variabilidade, contudo, não impede o reconhecimento de um conjunto de traços e princípios, que de forma política, são partilhados, nomeadamente ao nível da sua arquitectura e da maneira como esta incorpora a crescente necessidade de formas de expressão monumentais de significativo investimento colectivo.

6.1. Uma arquitectura à base da curva

Aspecto central é a tendência partilhada para a circularidade e concentricidade, de uma arquitectura que procura evitar o ângulo, já notada por Bradley (2012) para a Europa Atlântica.

A existência de uma arquitectura com ângulos na Pré-História peninsular foi recentemente abordada a propósito da cabana rectangular identificada na Senhora da Alegria, Coimbra (Valera *et al.*, 2023). Aí se sublinharam casos pontuais de arquitecturas domésticas ortogonais no Algarve (Castelo Belinho – Gomes, 2009) e na fachada mediterrânica da península, onde são conhecidas plantas rectangulares para contextos do Neolítico Antigo e Medio inicial, em Mas d'Is (Valência), Ca n'Isach, La Draga (Catalunha) e Fuente de Isso (Albacete) (Bernabeu Auban *et al.*, 2003; Tarrus *et al.*, 2016; Campana, 2018; Atienzar, Lopez, 2008) ou, mais tarde, a presença de ângulos formando traçados poligonais no recinto de fossos de Moreiros 2 (Figura 19:7) e nos recintos muralhados calcolíticos de S. Pedro, Porto das Carretas e Pedra do Ouro (Mataloto, 2010; Silva, Soares, 2010; Leisner, Schubart, 1966) ou em estruturas do Outeiro Redondo (Cardoso, 2019). Em estruturas não domésticas, evocava-se a questão do quadrilátero do Cromeleque do Xerez (Gomes, 2000 e o pendor ortogonal das sepulturas do tradicionalmente designado proto-megalitismo,

Porém, apesar de todos estes casos, é inquestionável que a partir de meados do 4º milénio a.C., tanto nas construções funerárias, como nas arquitecturas dos recintos, a curva, o traço ondulante e as aproximações à geometria do círculo, da elipse e outras formas afins se começam a impor e que se tornam preponderantes até ao final do 3º milénio a.C. E se podemos argumentar em favor de uma inequívoca propensão arquitectónica para a circularidade a partir da segunda metade do 4º milénio a.C., parece também claro que ela teve uma temporalidade muito particular, ocorrendo num período bem definido, e que poderemos delimitar genericamente entre 3500 e 2000 a.C.

Durante esse período o predomínio da curva e da arquitectura circular acompanha uma trajectória social específica, caracterizada por vários desenvolvimentos que arrancam de meados do 4º milénio a.C.: um acelerado crescimento

demográfico, o desenvolvimento da interacção de larga escala peninsular e extra peninsular, o consumo de bens exóticos, o incremento de uma economia baseada na agricultura e pastorícia, o desenvolvimento de uma tensão entre formas de organização social tendencialmente igualitárias e desigualdades sociais emergentes, um desenvolvimento do coletivismo funerário, a afirmação de cosmovisões baseadas nos ciclos solares, e uma crescente necessidade de formas de expressão ideológica traduzidas num investimento em monumentalidade e numa diversificada expressão iconográfica. Há, pois, uma coincidência temporal entre estes desenvolvimentos e as construções à base da curva, a qual se esfuma na transição de milénio, quando em todas estas variáveis se verifica igualmente uma situação de profunda transformação (Valera, 2015).

Entendendo que a arquitectura integra, expressa e condiciona os modos de organização social, dificilmente poderemos olhar para as tendências arquitectónicas deste período sem as relacionar e tentar articular com as trajectórias dessas outras variáveis do todo social.

Para ensaiar o estabelecimento dessa relação, nomeadamente para esta fase de arranque neolítica dos recintos de fossos, é importante considerar os seguintes postulados:

- O uso do espaço é prévio à construção e condiciona-a, mas a construção arquitectónica condiciona recursivamente o uso do espaço.

- O uso do espaço, a arquitectura e as formações culturais e identitárias são dimensões informadas por concepções cosmológicas e condicionam-se mutuamente de forma recursiva.

- Não há uma relação directa e linear entre uma organização social e uma organização espacial. Ambas são um produto que emerge das relações estruturantes: a arquitectura enquanto forma de organização espacial, não é um indicador nem um reflexo passivo; é um constituinte que induz e reforça comportamentos, percepções, cosmovisões e que participa na estruturação de qualquer organização social e é por ela informada.

- O que existe são modalidades de produção espacial, que são contingentes: relativas a dinamismos temporais e espaciais e às relações sociais que neles se engendram, gerando sistemas culturais específicos, que se podem constituir como versões de tendências mais vastas.

Assim, sobre a articulação entre estas diversas dimensões foi já várias vezes sublinhada a fundamentação cosmológica da localização e da arquitectura dos recintos de fossos, nomeadamente na vinculação de vários a uma orientação a Este e do alinhamento de entradas aos solstícios e equinócios (Valera, 2008; 2013b; 2020a), aspectos que aparecem já instituídos nos recintos neolíticos dos Perdígões, Paraíso ou agora em Trigo. De igual forma se chamou a atenção para prática de construção segmentada e faseada, em que o produto final de alguns recintos é obtido pela construção

diferida de segmentos, onde não existe um fosso contínuo e onde em alguns casos foi documentado que a abertura do novo segmento foi feita quando o anterior já estava preenchido. Um processo relacionado com as práticas de repetição como factor de coesão, de valorização do processo de construir sobre a construção finalizada e de materialização da própria organização social na forma de construir e na construção, de que são exemplo, para os recintos neolíticos, os fossos mais antigos dos Perdighões, e os de Fareleira 3 (Valera, 2018; 2024).

Na mesma linha de raciocínio, o privilégio da curva e do desenho tendencialmente circular e concêntrico, pode ser questionado nas dimensões mais intangíveis da arquitectura, recorrendo a alguns postulados da Teoria da Forma (Ernest Fisher, 1987), nomeadamente da comparação da linha curva e da linha recta e das suas implicações psicológicas, perceptivas e comportamentais, procurando avaliar o seu potencial heurístico na interpretação desta preponderância.

De acordo com a Teoria da Forma, a linha circular tem a possibilidade de se encontrar com o seu começo de maneira natural, sem momentos de quebra, sem inflexões abruptas e marcantes perceptíveis. É um retorno fluído e permanente. Já a linha recta afasta-se na direcção oposta ao seu começo e apenas a ele pode voltar estabelecendo quebras, rupturas no traçado e no percurso. Estas formas induzem maneiras distintas de perceber e percorrer o espaço, uma marcada pela fluidez e sensação de continuidade e retorno; outra marcada por afastamento ou momentos de ruptura e alteração de direcção.

Por outro lado, a forma circular privilegia um processo de crescimento em anéis concêntricos, o que reforça o sentido de centro. Já as construções ortogonais à base da linha recta estimulam o crescimento linear e lateral, com perda de referência a um centro.

Estas observações, que devem ser entendidas como parte de um modelo teórico e de uma tipificação, remetem para uma dimensão psicológica e uma dimensão metafórica que têm a ver com a maneira como as formas induzem comportamentos e maneiras de experienciar e organizar o espaço e de o articular com concepções cosmológicas e percepções do tempo e não exclusivamente com questões funcionais.

Tal permite a associação da curva e do círculo à ideia de retorno e de permanência através da repetição, a qual se articula bem com o desenvolvimento de uma ideologia baseada no mito, na existência de tempos primordiais a que se volta pela repetição do acto ritual e pelo culto da ancestralidade, onde o ancestral não emerge como um indivíduo concreto, mas como um arquétipo para comportamentos e referência de ordem e estabilidade do colectivo. Por outras palavras, uma cosmologia baseada numa perspectiva cíclica do tempo, seja ela a dos ciclos da natureza, ou a dos ciclos geracionais e sociais, por excelência do plano do colectivo e comunitário, que se expressa e é recursivamente potenciada por um desenho que privilegia a curva, o círculo e a concentricidade. É, pois, interessante sublinhar a coincidência do desenvolvimento desta

arquitectura com a emergência, no interior alentejano, do colectivismo nas práticas funerárias, relacionável com um culto da ancestralidade primordial.

Ao contrário do megalitismo regional, com poucas datações e sobretudo pouca preservação contextual, resultado das suas próprias condições de visibilidade e exposição, os hipogeus que tem vindo a ser intervencionados e datados no Alentejo começam a produzir uma imagem interessante sobre o momento de passagem dos enterramentos individuais e múltiplos (onde predominam as referências individuais e familiares) para os enterramentos colectivos, onde o indivíduo se dilui no grupo e numa referência à ancestralidade (Valera 2020b). Estas datações sugerem que é precisamente no momento em que arranca toda a trajectória acima referido (e a afirmação de uma arquitectura circular) que a tendência colectivista emerge nas práticas funerárias, a qual só começa a dar lugar ao predomínio do enterramento individual no final do 3º milénio, quando, na região, o mundo Neolítico/Calcolítico colapsa e com ele a prevalência da arquitectura à base do círculo e da curva.

Na abordagem a esta preponderância que emerge nos recintos neolíticos (portanto historicamente situada, não se tratando de uma universalidade), há potencial heurístico para modelo teórico que associe, à arquitectura circular e concêntrica, uma cosmologia organizada através de um pensamento mítico, uma visão cíclica do tempo e uma expressão ideológica colectivista. Isto por oposição a uma cosmovisão mais destacada do ancestral colectivo, alinhada com uma percepção do tempo mais linear (de afastamento e não regresso a uma origem primordial), mais compatível com concepções individualizantes do ser e das suas possibilidades, mais racionalizadora e destacada do natural, encontrando maior adesão no ortogonal e no linear. Modelo que, por exemplo, se conformará mais com as arquitecturas que se afirmam na Idade do Bronze e Idade do Ferro.

As plausíveis noções de tempo e espaço das comunidades neolíticas do sul de Portugal parecem poder ser teoricamente articuladas com uma arquitectura que privilegia a linha curva e o círculo, onde o centro ganha estatuto axial. Uma visão cíclica do tempo, pautada pela valorização da ancestralidade sustentada num arquétipo primordial, fundamento de uma expressão ideológica ainda essencialmente colectivista (mas em crescente tensão interna), e ao qual simbolicamente se retorna através da repetição de práticas ritualizadas.

Isto articula-se com uma percepção de espaço heterogéneo e qualitativo, onde a noção de centro é valorizada (o qual pode assumir o estatuto de microcosmos) e é reforçada por uma arquitectura circular e concêntrica, por vezes atingida por processos modulares de construção faseada (talvez assumidos expressões metafóricas da organização social) e que materializam esse percorrer curvo de retorno ao início.

Mais do que uma simples coincidência temporal com o arranque e desenvolvimento de uma trajectória social e ideológica específica, esta predominância da curva, do circular e do concêntrico revelará a forma como a arquitectura absorve e induz o espírito dos tempos.

6.2. Uma arquitectura em “processo de monumentalização”

Os recintos de fossos do Alentejo interior evidenciam, logo desde os mais antigos e simples, a procura crescente de formas de expressão ideológica e monumental. Em Cortes 1, o pequeno recinto, com uma área de cerca de 0.04ha e um fosso pouco profundo, mas largo (0.5x3m), integrava no seu interior pelo menos um menir, existindo outros nas imediações (Valera, *et al.*, 2017). Esta associação a menires registou-se igualmente no recinto simples do Torrão e nos mais antigos fossos dos Perdigões, circunstâncias que levaram mesmo a discutir a possibilidade de, nesta região, os recintos de fossos terem a sua génese relacionada com os recintos de menires (*idem*).

A crescente complexificação arquitectónica que se observa nos recintos de Águas Frias, Juromenha 1, Moreiros 2, e que atinge um expoente máximo no recinto de Trigo, acentua essa dimensão simbólica e monumental. Os espaços internos são agora mais compartimentados, permitindo diferenciações e hierarquizações espaciais e gerando percursos interiores mais complexos. As entradas multiplicam-se, com várias orientações (solsticiais no caso de Trigo, equinocial no caso dos Perdigões) e com configurações que aparentam dificultar o acesso (maioritariamente em pinça), mas em Trigo atingem um barroquismo sem paralelo na labiríntica entrada Sudeste, evidenciando a relevância funcional, mas igualmente simbólica, da “porta” enquanto zona de fronteira entre espaços e estatutos. As zonas de fronteira caracterizam-se, precisamente, por uma ambiguidade implícita, sendo por excelência zona de rito, de tabu, de sacralidade, de transformação ou mesmo transubstanciação (Leach, 1992), pelo que, às funções manifestas das entradas (satisfação de necessidades concretas), se associam funções latentes, carregadas de ambiguidades e de pluralidade de sentidos e de agência social (Merton, 1965).

Por outro lado, os fossos tornam-se progressivamente mais largos e mais profundos (1.5x3.2m, 1.9x3m e 1.4x2.8m nos Perdigões; 3x3.5m no Porto Torrão; 1.7x2.5m em Juromenha) sem que uma evidente funcionalidade específica explique o aumento de investimento. Adquirem traçados sinuosos, por vezes com lóbulos semicirculares muito próximos uns dos outros, o que aumenta o trabalho envolvido na sua escavação sem manifestos ganhos funcionais. Traçados duplos, nomeadamente marcando os limites máximos dos recintos, surgem em Moreiros 2 e Trigo, antecipando o que se vai repetir em vários recintos do 3º milénio a.C. (Perdigões, Salvada, Folha do Ouro), e revelando mais investimento em trabalho e recursos. A própria periodicidade construtiva, que no caso dos recintos de fossos parece ser constituída tanto por actividades de colmatação como de abertura de fossos, e que está patente nos cruzamentos e sobreposições evidenciadas nos recintos mais complexos e de maiores dimensões, parece evidenciar a importância social agregadora do trabalho comunitário envolvido nestes empreendimentos. Neste capítulo, o recinto de Trigo destaca-se uma vez mais, evidenciando uma complexidade e uma dinâmica construtiva que só tem paralelo em alguns dos grandes recintos como Perdigões, Monte da Contenda ou São Brás 3.

Em estudo recente sobre o trabalho envolvido na construção dos recintos de fossos alentejanos, calculado a partir das dimensões e perímetros dos fossos, verifica-se que, em termos gerais, existe um crescente investimento até meados do 3º milénio a.C. (Valera, no prelo a). Se os mais antigos apresentam dimensões mais pequenas, rapidamente se passa para a construção de fossos de médias/grandes dimensões no último quartel do 4º milénio a.C., que no caso do maior fosso neolítico dos Perdigões permitiu uma estimativa (de acordo com os critérios estabelecidos no estudo) de concentração de trabalho de 434 pessoas durante um mês (número já significativo face a densidade populacional estimada para a época na Península Ibérica (del-Rio, 2021). O mesmo estudo, contudo, evidencia que para os recintos pequenos e de médias dimensões, esses investimentos seriam bem mais modestos, permitindo que que estes projectos ou dinâmicas construtivas estivessem ao alcance de comunidades mais pequenas. Isto pode ajudar a explicar a rápida proliferação destes recintos, as proximidades espaciais que por vezes evidenciam (lembramos a proximidade de Trigo e Ponte da Azambuja), ou os processos de construção periódica e eventual alternância. Um quadro consistente com níveis de organização social ainda fortemente baseados em laços de solidariedade retributiva e mecanismos cooperativos de mobilização laboral, tornando estes investimentos acessíveis a diferentes níveis de capacidade económica. A exuberância de Trigo poderá, pois, ser sobretudo uma “figura de estilo”.

7. Notas finais

A fase neolítica de construção e uso de recintos de fossos no interior do Alentejo, relativamente bem definida em termos cronológicos, apresenta uma distribuição espacial nuclear na bacia do médio Guadiana, podendo a sua presença na parte leste da bacia do Sado e limite sul da bacia do Tejo se uma extensão a partir daquela área nuclear.

O conjunto de recintos até ao momento conhecido para este espaço e tempo proporciona uma informação ainda muito desequilibrada a vários níveis, mas no geral permite perceber que o fenómeno é caracterizado por uma significativa variabilidade logo desde esta fase inicial, mas onde se encontram igualmente já bem definidas linhas estruturantes que serão continuadas ao longo de todo o seu espectro cronológico de cerca de 1500 anos.

A pretexto da complexidade evidenciada pelo magnetograma obtido para o recinto de Trigo, abordámos duas dessas linhas estruturantes: a forma como estas arquitecturas parecem incorporar princípios cosmológicos nos seus desenhos e na vivência do espaço que induzem e o seu processo de complexificação, monumentalização e crescente investimento social.

No que respeita a estes aspectos das arquitecturas dos recintos de fossos, o 3º milénio a.C., mais do que propriamente inovar, vai sobretudo intensificar, densificar, diversificar e complexificar, permitindo perceber este fenómeno como uma expressão de longa duração de um sistema dinâmico que, regionalmente, se apresenta bem delimitado no tempo, ou seja, que forma um verdadeiro complexo histórico-geográfico.

Anexo 1

Datações absolutas para os recintos de fossos neolíticos alentejanos.

Sítio	Contexto	UnEst	Amostra	Ref. Lab.	Data BP		Bibliografia
Perdigões	Surface	1	Dente de equídeo	FTMC-ML56_1	4516	28	Inédita
	Pit 65	UE368	Osso fauna	DeA-8207	4577	28	Valera et al. 2017
	Pit 48	UE309	Sus sp.	ICA-15T/1016	4680	30	Valera et al. 2017
	Ditch 13b	UE399	Osso fauna	DeA-8206	4518	28	Valera et al. 2017
	Ditch 13a	UE395	Osso fauna	ICA-15B/1252	4310	30	Valera et al. 2017
	Ditch 13c	UE499	Osso fauna	ICA-17B/0101	4410	30	Valera et al. 2017
	Ditch 13C	UE485	Osso fauna	ICA-18B/0354	4400	30	Valera, 2018
	Ditch 14a	UE501	Cervus tibia esquerda	Beta-474678	4460	30	Valera, 2018
	Ditch 14b	UE511	Osso fauna	ICA-17B/0103	4370	30	Valera et al. 2017
	Ditch 14b	UE511	Osso fauna	ICA-18B/0357	4390	30	Valera, 2018
	Ditch 14a	UE501	Osso fauna	ICA-18B/0358	4430	30	Valera, 2018
	Pit 75	UE446	Osso fauna	ICA-18B/0355	4420	30	Valera, 2018
	Pit 33	UE232	Osso fauna	ICA-18B/0356	4380	30	Valera, 2018
	Pit 82	UE510	Osso fauna	ICA-17B/0102	4460	30	Valera et al. 2017
	Ditch 11	UE6	Bos sp.	ICA-15B/1019	4470	30	Valera et al. 2017
	Ditch 12	UE250	Osso fauna	Beta-330092	4530	40	Valera et al. 2014b
	Sanja 1	UE33	Mandibula ovicaprina	Beta-304756	4470	30	Valera et al. 2014b
	Ditch 6	UE175	Osso fauna	Beta-315242	4450	30	Valera et al. 2014b
	Ditch 6	UE107	Osso fauna	Beta-318359	4390	30	Valera et al. 2014b
	Hipogeum 1	UE182	Mandibula Sus scrofa	Beta-304757	4390	30	Valera et al. 2014b
	Hipogeum 1	UE242	Mandibula ovicaprina	ICA-15T/1021	4530	30	Valera et al. 2017
	Ditch 8	UE53	Cervus elaphus	ICA-16B/0921	4310	30	Valera et al. 2017
	Ditch 8	UE37	Sus sp.	ICA-16B/0922	4330	30	Valera et al. 2017
	Ditch 5	UE451	Mandibula ovicaprina	Beta-350352	4390	30	Valera et al. 2014b
	Pit 7	UE114	Falange humana pé	Beta-289265	4430	40	Valera et al. 2014b
	Pit 11	UE76	Falange humana mão	Beta-289263	4370	40	Valera et al. 2014b
	Pit 11	UE77	Osso humano -Petrosa	PSUAMS-1882	4365	25	Olalde et al. 2019
	Pit 11	UE789	Osso Humano - Petrosa	PSUAMS-2692	4310	20	Olalde et al. 2019
	Deposit	UE1325	Osso fauna	KIA-57280	4480	35	Inédita
Juromenha 1	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	Wk18487	4538	32	Mataloto, Boaventura, 2009
	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	Wk18488	4547	35	
	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	Beta-169263	4540	100	
	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	Beta-169264	4550	40	
Monte da Contenda	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	Wk-38618	4464	29	Valera, Becker, Costa, 2015
	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	Wk-38619	4478	29	
Moreiros 2	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	Beta-350350	4410	30	Valera, Becker, Boaventura, 2013
	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	Beta-350351	4350	30	
Porto Torrão	Fosso 1	Osso fauna	Fauna bone	Sac-2232	4390	50	Valera, 2013
São Jorge Ficalho	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	OxA-5443	4540	60	Soares, 1996
Horta do Pinheiro 6	Fosso	Osso fauna	Fauna bone	ICA15B/1022	4370	30	Valera et al., 2017

Referências Bibliográficas

- ATIÉNZAR, G.G.; LÓPEZ, F. (2008) – El yacimiento de Fuente delso y el poblamiento neolítico en el Campo de Hellín (Albacete), *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*, 1: 117-125.
- BERNABEU AUBÁN, J.; OROZCO KÖHLER, T.; DÍEZ CASTILLO, A.; GÓMEZ PUCHE, M.; MOLINA HERNÁNDEZ, F. J. (2003) – Mas d'Is (Penàguila, Alicante): Aldeas y recintos monumentales del Neolítico inicial en el Valle del Serpis. *Trabajos de Prehistoria*, 60(2): 39-59.
- BRADLEY, R. (2012) – *The idea of order. The circular archetype in Prehistoric Europe*, Oxford, Oxford University Press.
- CAMPANA, I. (2018) – *Prehistoric house and 3D reconstruction: towards a BIM archaeology*, Tese de doutoramento. Barcelona, Universidad Autonoma de Barcelona. Policopiado.
- CARDOSO, J.L. (2019) – Primeiras evidências de plantas ortogonais no Calcolítico da Estremadura portuguesa: as cabanas do povoado fortificado calcolítico do Outeiro Redondo, Akra Barbarion, 3: 147-155.
- FISHER, E. (1983) – *A necessidade da arte*, [1959], Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- GOMES, M.V. (2000) – Cromeleque do Xerez. A ordenação do caos, *Das Terras do Xerez às novas Terras da Luz*, Memórias d'Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva, 2: 17-192.
- GOMES, M.V. (2009) – Castelo Belinho (Portimão, Algarve). A mais antiga aldeia do Sudoeste Peninsular (V milénio A.C.), *Arqueologia & História*, 60-61: 119-141.
- HURTADO, V.; ODRIÓZOLA, C.; ASUAR, J.P.; MORENO, J. (2024) – Nuevos recintos fortificados y con fosos en la cuenca media del Guadiana (España), In: M. Diniz, A. Martins, C. Neves, J.M. Arnaud eds., *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular*, 1, Estudos & Memórias, Lisboa, Uniarq: 319-339.
- MERTON, R.K. (1965) – *Éléments de théorie et de méthode sociologique* (1957), Plon.
- LAGO, M.; ALBERGARIA, J. (2001) – O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano, *Era Arqueologia*, 4: 39-62.
- LEACH, E. (1992) – *Cultura e comunicação*, Lisboa, Edições 70.
- LEISNER, V.; SCHUBART, H. (1966) – Die kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro, Portugal, *Madrid Mitteilungen*, 7: 9-85.
- MATALOTO, R. (2010) – O 4º e o 3º milénio a.C. no povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana, In: V. Gonçalves, A.C. Sousa (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénio a.n.e.*, Cascais, CMC: 263-295.
- MATALOTO, R.; COSTEIRA, C. (2008) – O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11-2: 5-27.
- PEACE, R. (2015) – *Moreiros 2 (Arronches): as leituras possíveis dos fossos interiores*, dissertação de mestrado apresentada a FLUL, policopiado.
- RODRIGUES, F. (2008) – O recinto de fossos da ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 2: 49–56.
- RODRIGUES, F. (2015) – *O Sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos Recintos de Fossos no SW Peninsular nos finais do 4º milénio A.N.E.*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia entregue a Universidade do Algarve. Policopiado.
- SANTOS, R.; REBELO, P.; NETO, N.; VIEIRA, A.; REBUJE, J.; PEREIRA DE SÁ, A.; CHÉNEY, A.; RODRIGUES, F. E CARVALHO, A.F. (2014) – Intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (2008 – 2010): resultados preliminares e programa de estudos. *Memórias d'Odiana* 14: 74 – 82.
- SILVA, C.T.; SOARES, J. (2010) – O povoado fortificado do Porto das Carretas, In: V. Gonçalves, A.C. Sousa (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénio a.n.e.*, Cascais, CMC: 225-261.
- SOARES, A.M. (1994) – Descoberta de um povoado do Neolítico junto à Igreja de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Resultados preliminares, *Vipasca*, 3: 41-49.
- SOARES, A. M. (1996) – Datação absoluta da estrutura neolítica junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa), *Vipasca*, 5: 51-58.
- SOARES, A.M.; SÉRGIO, J.R.; MELO, L.; SOARES, S. (2022) – São Brás 3 – um sítio de planície do Neolítico e Calcolítico nos arredores de Serpa (Baixo Alentejo), *comunicação apresentada ao XII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Aljaraque, Huelva)*.
- TARRUS, J.; ALIAGA, S.; CHINCHILLA, J.; MERCADEL, O. (2016) – Ca n'Isach (Palausaverda): un poblado neolítico (V-IV milenio aC) en la zona dolmenica del Alt Empordà. In: H. Bonet Rosado (Coord.). *Del neolític a l'edat de bronze en el Mediterrani occidental: estudis en homenatge a Bernat Martí Oliver*. Valencia. Diputacion de Valencia: 249-256.
- VALERA, A.C. (2008) – Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente, *Era Arqueologia*, 8:112-127.
- VALERA, A.C. (2013a) – Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação, *Almadan*, 2ª Série, 18: 93-110.
- VALERA, A.C. (2013b) – Breve apontamento sobre a dimensão cosmológica dos recintos de fossos da Pré-História Recente no Interior Alentejano, *Cadernos do Endo-vélico*, 1: 51-63.
- VALERA, A.C. (2015) – Social change in the late 3rd millen-nium BC in Portugal: The twilight of enclosures, In: H. MELLER/R. RISCH/R. JUNG/H. W. ARZ (eds.). *2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world?*. Tagungen des Landes-museums für Vorgeschichte Halle 13,1-2: 409-427.
- VALERA, A.C. ed. (2018) – *Os Perdígões Neolíticos. Gênese e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio a.C.)*. Perdígões Monográfica, 1, Lisboa, NIA-ERA.
- VALERA, A.C. (2020a) – Ephemeral and cosmological monumentality: the strange ditched enclosures of Chalcolithic South Portugal, in: A.B. Gebauer; L. Sørensen; A. Teather; A.C. Valera (eds.), *Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*, Oxford, Oxbow: 239-250.
- VALERA, A.C. (2020b) - Absolute chronology of Vale de Barrancas 1 necropolis and the transition to collective burials in the neolithic of South Portugal, In: A.C. Valera, T. Nunes (eds.), *Vale de Barrancas 1. A necrópole de hipogeus neolítica (Mombaja, Beja)*, Era Monográfica, 4, Lisboa, NIA-Era: 31-43.
- VALERA, A.C. (2024) – Ditched and walled enclosures of Late Prehistory in South Portugal: a brief comparative approach. in DINIZ, M., MARTINS, A., NEVES, C. e ARNAUD, J. (Coords) - *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular* - vol. 1, Estudos & Memórias, nº 22, UNIARQ-FLUL: 287-301.
- VALERA, A.C. (no prelo) – Digging for (in)equality? Measuring the social impact of ditched enclosures building in South Portugal.
- VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C.; GORGA, A.; ALMEIDA, N.; FERRAZ, J. (2022) – O grande complexo de recintos de fossos pré-histórico do Monte da Contenda (Arronches): abordagem a partir de distribuições de superfície, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 16: 21-31.
- VALERA, A.C.; BECKER, H.; COSTA, C. (2014a) – Os recintos de Fossos pré-históricos de Monte da Contenda (Arronches) e Montoito 2 (Redondo), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21: 195-216.
- VALERA, A.C.; BECKER, H.; BOAVENTURA, R. (2013) – Moreiros 2 (Arronches, Portalegre): geofísica e cronologia dos recintos interiores, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 9: 37-46.
- VALERA, A.C.; FILIPE, I. (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular, *Era Arqueologia*, 6: 28-61.

- VALERA, A.C.; GODINHO, R.; CLAVO, E.; BERREQUERO, F.J.M.; FILIPE, V.; SANTOS, H. (2014b) – Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neo-lítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa), *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O plano de rega (2002-2010)*, Memórias d'Odiara. 2ª Série, 14, Edia/DRCALEN: 55-73.
- VALERA, A.C.; PEREIRO, T. (2013) – Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática. *Arqueologia em Portugal 150 anos. Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, AAP: 345-350.
- VALERA, A.; PEREIRO, T. (2023) – Os recintos pré-históricos do Alentejo, *Pré-História Ibérica, National Geographic*, Edição Especial História, RBA Revistas: 124-125.
- VALERA, A.C.; RAMOS, R.; PEREIRO, T. (2023) - Uma "casa" sub-retangular em contexto do Neolítico Final na Senhora da Alegria (Almalaguês, Coimbra), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 17: 9-19.
- VALERA, A.C.; SIMÃO, I.; NUNES, T.; PEREIRO, T.; COSTA, C. (2017) – Neolithic ditched enclosures in Southern Portugal (4th Millennium BC): new data and new perspectives”, *Estudos do Quaternário*, 17:57-76.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)

Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

